



Comunicação e Comunidade: o primeiro passo para a cidadania¹

Maria Inês Freitas de AMORIM²

Universidade Federal de Viçosa

Resumo

O presente artigo³ tem como objetivo mostrar como é possível desenvolver a comunicação pelo diálogo, reflexão e leitura. A experiência do projeto *Comunicação e Comunidade: o primeiro passo para a cidadania*⁴, de incentivo à leitura será narrada a fim de demonstrar como é possível, a partir dos conceitos de Comunicação Comunitária, suscitar debates acerca de política, cidadania e cultura. O projeto foi desenvolvido por um grupo de estudantes do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, com os alunos da quarta série do ensino fundamental da Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes, da cidade de Viçosa, durante o segundo semestre de 2008, contando também com a parceria da equipe pedagógica da escola.

Palavras-chave

Educomunicação; cidadania; comunicação comunitária; extensão

Introdução

As universidades brasileiras são centradas em três pilares: Ensino, Pesquisa e Extensão. Sendo assim, acredita-se que todos têm igual importância dentro do mundo acadêmico. Porém, na prática, é possível observar uma clara distinção entre eles, sendo um deles menosprezado. Não é sem motivo que isso é afirmado; dentro da vivência na universidade, percebe-se uma forte tendência à valorização daquilo que o resultado é mais aparente, e o retorno é mais rápido. A atenção está voltada àquilo que é considerado “glamouroso” academicamente, gerando investimentos em um modelo de ensino tecnicista. Contudo, esquecem-se que há outros trabalhos a serem feitos, e que,

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Estudante do 9º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: inesita.amorim@gmail.com

³ O artigo foi orientado pela Professora doutoranda Mariana Ramalho Procópio. Também participaram da elaboração desse artigo os estudantes Gustavo Fernandes Paravizo Mira do 3º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: gustavoparavizo@yahoo.com.br; Rodrigo Castro Forte Cardoso do 3º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: digoooforte@gmail.com e Caio Cardoso de Queiroz Estudante do 1º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: caiocardosode@yahoo.com.br

⁴ O projeto Comunicação e Comunidade: o primeiro passo para a cidadania contou com a participação de Maria Inês Freitas de Amorim, Gustavo Fernandes Paravizo Mira, Caio Cardoso de Queiroz, Rodrigo Castro Forte Cardoso, Rayza Guedes Fontes, Victor Arantes Tancredo e a orientação da professora Mariana Ramalho Procópio.



muitas das vezes, exigem tempo para surgirem os frutos. Esses trabalhos estão intimamente ligados à realidade local e ao trabalho com as comunidades.

Nada mais justo que haja um retorno, nos campos social e econômico, para aqueles que acolhem, ou seja, a comunidade na qual a universidade está inserida. A troca de conhecimentos possíveis a partir da prática da extensão, de maneira condizente com a realidade da população seria esse retorno, o que geraria outras possibilidades às pessoas naturais da cidade acadêmica e aos universitários, como o crescimento e o desenvolvimento em diversos aspectos, como econômico, social, cultural e formativo.

Com esse pensamento, o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo oferece a disciplina optativa de Comunicação Comunitária, na qual uma das atividades é o desenvolvimento de um projeto na área, com a comunidade local. Os graduandos foram incentivados a pensar um novo meio de comunicação, que partisse da comunidade, e que posteriormente fosse nutrido por ela. Para isso, foram incentivados a procurar pequenas comunidades na cidade, se inserir nelas e detectar junto com os participantes da comunidade qual seria uma proposta útil para eles, quais seriam os objetivos e as metas a serem alcançadas.

Contudo, nem sempre ocorre uma operação e produção de conteúdo adequados a esses meios de comunicação. As organizações comunitárias necessitam de um apoio técnico e conhecimento teórico humanístico que o comunicador social pode fornecer. Esse tem por obrigação social gerar as melhores condições possíveis para a fomentação de debates e a produção de conteúdo. Podendo haver assim, uma verdadeira troca entre os conhecimentos técnicos e os conhecimentos da comunidade, gerando um intercâmbio que muito beneficiará ambos os lados.

Comunidade foi entendida como uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes que têm algo significativamente importante em comum (OLMSTED, 1978)

Assim, a comunidade escolhida foi a quarta série da Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes. Após visitas a escola e conversas com as professoras e a coordenação pedagógica, o projeto foi apresentado às crianças, que puderam opinar se aceitavam ou não o trabalho a ser desenvolvido. Confirmado o aceite, o projeto foi explicado, sendo ressaltado que seu objetivo era a criação de um meio de comunicação eficiente, onde pudessem se posicionar quanto a sua realidade, colocando-se como atores no próprio cotidiano. Ou seja, levá-los a entender a responsabilidade que possuem com relação ao seu futuro e da comunidade em que estão inseridos, e



concomitantemente, desenvolverem a sua crítica e reflexão em relação às questões que os tangem.

A realidade apresentada

É necessário pontuar alguns elementos que influenciaram no trabalho, e que são de plena determinação para o desenvolvimento da educação e principalmente, do modo como a criança vê o mundo e se comunica com ele. Antes também, é preciso salientar que não é interessante nesse momento adentrar nos problemas estruturais e de modelo da educação pública brasileira. Como já foi dito, é apenas uma análise de um caso específico, vivenciado e evidenciado no trabalho. Explicada a situação, pode-se então dissertar acerca da escola e do município de Viçosa, Minas Gerais.

A estrutura da Escola Municipal Coronel Antônio da Silva Bernardes (CASB) é muito precária: um prédio de 1916, completamente gradeado, com o espaço físico pouco conservado, com falhas significativas na pintura, sem maçanetas nas portas, e que não possui um ambiente esportivo, como uma quadra.

Diante da situação degradada da escola algumas reflexões surgiram sobre o processo de formação sócio-educativa da criança. Um universo todo novo está diante desse ser em formação, portanto, deve-se levar em consideração não apenas os conteúdos passados em sala de aula pela professora, ou sua vivência familiar, mas a observação dos elementos que a cercam, tanto físicos quanto emocionais. Existe uma ligação entre todas as possibilidades de aprendizado, onde as alternativas de se adquirir conhecimento e as relações possuem papel de destaque (ROCHA, 2008).

Desse modo, vemos que há uma limitação dentro do degradado ambiente estudantil que foi apresentado e é vivenciado pelos alunos da quarta série, onde muito da apatia apresentada pelas crianças pode ser explicada. O que não deve ser feito é colocar esse peso diante apenas da estrutura. Existem inúmeros aspectos culturais que podem levar à tona os problemas de aprendizagem e interesse do estudante viçosense. Para exemplificar, há uma série de variáveis demonstrativas que podem ser observadas: situação econômica familiar, conflitos nas relações pessoais e dificuldades de locomoção. No entanto, não é o objetivo desse trabalho avaliar tais variáveis.

Contudo, situações por vezes caóticas podem ser amainadas. O uso da criatividade incentivada por uma força conjunta, onde se visa resgatar o processo de construção de caminhos que levem à cidadania por meios mais adequados, éticos e eficientes, através de debates de temas relevantes - política, economia, educação - e



leituras dirigidas podem ter um efeito decisivo quanto ao futuro das crianças. É com relação a isso e as possibilidades de inserção dos estudantes na mídia que descrevemos nosso trabalho. Uma troca verdadeira.

A cidade de Viçosa sofre de carência de opções de cultura e lazer tanto para os universitários quanto para seus habitantes naturais. O estigma de que os estudantes da Universidade Federal de Viçosa são como forasteiros para o restante da cidade contribui para que este modelo de cidade universitária seja mantido e, o que é pior, expandido. Apesar de alguns projetos de extensão da universidade, a interação entre a população local e aqueles que estão apenas de passagem pela cidade para conseguir um diploma é praticamente nula. Há pouca mistura até mesmo nas festas que são organizadas na comunidade viçosense e na comunidade universitária, o que colabora indiretamente para o desenvolvimento e manutenção do clima de discórdia que há entre uma e outra.

Isso é de fácil perceptibilidade, já que um passeio informal pela cidade universitária e pela própria cidade revelará discrepâncias referentes ao modo como as duas cidades são tratadas: naquela, coleta de lixo bem organizada, grama aparada, organização; nesta, lixo amontado em praças, coleta de lixo ineficiente, trânsito caótico. O que de fato ocorre é a não correspondência entre a Universidade, centro de desenvolvimento tecnológico e humanístico, e a sociedade do município em que está inserida. O terceiro pilar das Universidades brasileiras, a Extensão, é então subjugado a uma espécie de categoria acadêmica inferior. Isso ocorre porque seus resultados incidem diretamente sobre a comunidade e podem demorar consideravelmente para aparecer, e não apenas sobre a carreira individual do aluno da universidade treinado na academia para enfrentar um mercado extremamente competitivo no qual não existe espaço para ações que demandem tempo e benefícios fora daqueles propostos pelas empresas.

Esta realidade é completamente oposta à idéia proposta pelo Plano de Extensão Universitária, que prevê que a universidade deve se comprometer de fato com a concepção de atividade de extensão, pois, esta se traduz como um compromisso social da universidade com a comunidade em que está inserida. Este descaso reflete o não pensamento que sua atuação pode contribuir para o seu próprio processo de desenvolvimento, para a retro-alimentação do ensino e da pesquisa, de forma a proporcionar maior comprometimento com a realidade social (Plano Nacional de Extensão Universitária, 2001). Infelizmente, apenas pequenas forças isoladas ainda defendem a extensão universitária, tanto dos discentes como dos docentes.



O município não oferece aos seus habitantes bons atrativos culturais, e que a Universidade Federal nele locada não incentiva efetivamente mudanças neste tipo de postura, e também pouco propõe de novidade para mudar esta situação, a população, e principalmente as crianças, sentem-se desmotivados com sua própria cultura. No que se refere a esta falta de motivação, se junta a imposição de uma mídia opressora no que diz respeito à cultura.

Não se desenvolve a cultura local, pois os grandes veículos de comunicação não se propõem também a organizar uma programação que valorize a história do município, impondo, paradoxalmente, de forma sutil, um tipo cultural padronizado. Os que mais sofrem com essa massificação são, com certeza, as crianças, que encontram-se em pleno processo de aprendizagem. Por não sofrerem nenhum tipo de estímulo à crítica, à reflexão, sobre o que é ser cidadão, o que é uma cidade, o que é estar inserido em uma realidade cultural, os próprios alunos dificultam a consolidação de um projeto como este, que se propõe a estimular tudo o que eles já sabem que existe, mas que não é praticado pelos mesmos. Dentro de tantos aspectos opressores o estímulo a leitura acaba sendo menosprezado. Compartilhando a visão de José Marques de Melo sobre o assunto:

“De um lado, o problema [resistência a leitura] reflete a marginalização social a que tem sido condenada a maior parte da nossa população, vivendo em condições tão precárias que o consumo de produtos culturais, como os impressos, constitui um luxo desmedido, principalmente para quem precisa lutar todo dia pela comida, pela roupa, pela habitação.” (MELO, 1981, p.68)

Apesar de todos os problemas estruturais contribuírem para a imagem de “luxo” que a leitura acaba assumindo, o projeto assumiu o caráter de apresentar o seu aspecto libertador na busca do conhecimento e do despertar do senso crítico.

É importante ainda ressaltar, que a cidade possui dois principais jornais impressos semanais: *Folha da Mata* e *Tribuna Livre*. O jornal *Tribuna Livre* se declara como de oposição ao atual prefeito, enquanto o *Folha da Mata* defende as iniciativas da atual gestão. Nesse contexto, os simpatizantes e opositoristas da atual gestão escolhem que periódico ler. Esses são os principais “formadores de opinião” do município e, a partir da leitura desses periódicos que a população viçosense se informa e formula opiniões. Também é dessa maneira que transmitem para as crianças essas informações.



O projeto

A Comunicação Comunitária é aquela desenvolvida pela comunidade para a comunidade, onde os assuntos do cotidiano assumem um papel de destaque. Seus integrantes são os principais responsáveis por aquilo que será desenvolvido e que temas serão abordados. Foi entendido o papel da Comunicação Comunitária a semelhança do que defende Cicília Maria Peruzzo (2006b) que é o da mobilização social e a educação informal.

O projeto *Comunicação e Comunidade: o primeiro passo para a cidadania* priorizou suas atividades no despertar da cidadania e do senso crítico pois "a conquista da cidadania significa a passagem de súditos para cidadãos, dentro de um arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando seu status de cidadão à qualidade da participação" (PERUZZO, 2001, p.114).

O despertar da importância do comprometimento de serem cidadãos participantes da sociedade, não como meros espectadores, foi as poucos entendida pelas crianças, que, como ressalta Cicília Maria Peruzzo:

"A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura". (PERUZZO, 2001, p.121)

O projeto foi dividido em três partes. A primeira consistiu na leitura de livros; a segunda na produção de textos, desenhos, e recortes; e a terceira no produto final do projeto, a montagem de um jornal-mural feito pelos próprios alunos de cada uma das salas sob orientação do grupo de estudantes de Comunicação Social – Jornalismo. Em todas as fases de desenvolvimento foi reiterado o conceito de comunicação comunitária e enfatizou-se que era a própria comunidade da sala de aula que deveria gerir suas atividades. Sendo assim, os alunos viram-se livres para produzir, criar, desenvolver o que desejassem baseados na leitura de livros e revistas que lhes interessassem. O grupo pretendeu incentivar os alunos a ler e, além disso, perceberem como a prática da leitura pode auxiliá-los.

A leitura e o estudo das idéias de Paulo Freire (1983, 1987) contribuíram para que sempre fosse buscado o diálogo e o entendimento da realidade do outro, para assim,



a educação ser feita. E esse diálogo só foi possível a partir do desenvolvimento mútuo da confiança: de um lado, de que as crianças são capazes, e de outro, que o grupo queria desenvolver um trabalho que geraria bons resultados, fruto do esforço e da realidade das crianças.

Outro educador que forneceu arcabouço teórico e ganas de implementar algo diferente na escola foi Sebastião Rocha, que em entrevista a revista Caros Amigos, comenta:

“Viemos preparados para quatro coisas: ser feliz, livre, educado e ter saúde. Ser educado é desenvolver toda a potencialidade de aprendizagem. Nós somos aptos a aprender qualquer coisa, em condições normais. Se não aprendemos 15 idiomas e não tocamos nenhum instrumento, é porque não foram criadas oportunidades para exercitar o potencial de aprendizagem, capacidade e competência. Só há educação quando há eu e o outro, é plural, dois no mínimo. E educação não é o que eu sei e o que o outro sabe, porque se sabemos as mesmas coisas não adianta; é o que nós não sabemos, é troca, é complementaridade, por isso você precisa do outro, pode ser pessoa, um livro, o que for”. (ROCHA, 2008, p.33)

Nesse processo educativo de troca de conhecimentos, aos poucos foi percebido a importância do ato de comunicar. As crianças perceberam com a descoberta de serem elas agentes transformadores, que é a partir do ato de comunicar que expressarão esses elementos que trarão mudanças e que contribuirão para uma comunidade melhor.

Com o início desse despertar da vontade de ler, se informar e adquirir conhecimentos, e assim, comecem a despertar o senso crítico, as crianças também perceberam o quanto era importante questionar o que liam, o que aprendiam e o que ouviam, e refletir se a partir de suas vivências e observações poderiam ou não concordar. Perceberam que, ao contrário da relação estabelecida pelos principais periódicos da cidade entre oposicionistas e situação, não há um lado certo, que merece ser admirado sem questionamentos e outro errado, que não merece ter credibilidade, passaram a querer saber os dois lados da história, a pensar, individualmente, e tirarem suas próprias conclusões. Passaram a se ver e sentir como cidadãos.

A produção de um jornal-mural como produto final da disciplina de Comunicação Comunitária foi uma demonstração desse processo de transformação de “súditos” para “cidadãos”. Foram confeccionados pelos alunos de cada sala, após serem divididos em três grupos, três jornais por sala. A discussão sobre cidadania e a reflexão sobre o papel de cada indivíduo na sociedade também foram realizadas, o que satisfaz



parte dos objetivos propostos. Contudo, também foi considerado importante que, a partir da leitura inicialmente proposta pelo grupo, os próprios alunos desenvolvessem autonomicamente vontade de ler e que esta leitura influenciasse positivamente o desempenho escolar de cada um, o que não foi possível de comprovar devido à falta de acompanhamento, por parte do grupo, do desempenho escolar antes, durante e depois que o projeto foi implementado e finalizado nas salas escolhidas, bem como fomentar uma postura crítica e reflexiva sobre o que se passava nas comunidades em que estavam inseridos.

Quando, de fato essa percepção foi assimilada pelo grupo, resolveu-se que o caminho mais correto era investir nos ganhos que as crianças teriam ao utilizarem as ferramentas cedidas. Através de recortes, desenhos, leituras dirigidas e muito diálogo, foi permitido que as crianças agregassem livros, revistas e jornais ao seu cotidiano.

Era muito comum chegar à sala de aula e encontrar os estudantes com algo que haviam achado interessante em revistas, ou até mesmo nos jornais locais, onde o ambiente estava agitado pelas eleições municipais. As crianças foram incentivadas a conversarem com os adultos, a perguntarem, a observarem seu cotidiano, sua rua, seu trajeto até a escola. Muitas das vezes, contavam o que haviam conversado com os pais em casa; reproduzindo como adultos e começando a desenvolver consciência política. Fato que reflete ainda melhor a situação de aprendizado das crianças. O processo educativo não se limitou apenas as paredes da sala de aula ou ao pátio da escola. As crianças despertaram que participam da vida ativa da sociedade e que são fundamentais para a melhoria de sua comunidade.

A partir desse ponto, as crianças começaram a se colocar como agentes. Sentiam necessidade de se manifestar e ver como suas ações eram refletidas. A oportunidade foi dada. O grupo decidiu promover uma atividade onde as crianças desenvolveriam a "Carta ao Prefeito"; deveriam escrever o que achavam do bairro onde residiam, das suas condições de moradias e da escola onde estudavam. O resultado foi imediato. Todos se interessaram pela questão, embora alguns não quisessem que suas cartas fossem encaminhadas ao prefeito. Infelizmente, por intervenção da escola, as cartas não puderam ser enviadas. A alegação era que as cartas poderiam sugerir ao prefeito que a escola fazia uma espécie de afronta. Sobretudo, a expressão de coletividade colocada nas cartas, a idealização de uma sociedade melhor foi um dos pontos mais chamativos.

Por parte do grupo, provou-se que é possível um outro tipo de comunicação: democrática, dialogada, fundamentada na base da confiança, do respeito e da co-



participação. Na construção desse outro tipo de comunicação, observou-se o papel de destaque que a verdadeira educação assume para se ser mais completa e eficiente. A discussão que tem-se em sala de aula na Universidade sobre democratização da comunicação foi consolidada através de um projeto simples, mostrando que o que falta é, talvez, iniciativa e vontade de ultrapassar os bancos da Academia e busca de um outro parceiro na sedimentação de alternativas possíveis na construção da cidadania, e conseqüentemente, de um mundo melhor.

Referências bibliográficas

- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e técnica**. v.2 4ª ed., São Paulo: Ática, 1990.
- BATISTA, Roseli Araújo. **Mídia e educação: Teorias do jornalismo em sala de aula**. Brasília, Thesaurus. 168p, 2007.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**. 8ª ed., São Paulo: Summus, 1986.
- FARIA, Maria Alice. **O Jornal na sala de aula**. 7ª ed., São Paulo: Contexto, 1996.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1983
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987
- FREITAS, Neli Klix. **Novas tecnologias, educação, formação de professores e construção de conhecimentos**. Disponível em: < <http://www.rioei.org/deloslectores/2179Freitas.pdf> >. Acesso em: 23 Mar. 2009 às 22:00.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf> >. Acesso em: 23 Mar. 2009 às 13:30
- GOMES, Paola Basso Menna Barreto. **Mídia, imaginário de consumo e educação**. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100011&Ing=en&nrm=iso&ting=pt >. Acesso e, 25 Mar. 2008 às 15:00.
- HAETINGER, Max Günther. **O professor, o aprender e a mídia**. Pinhais: Futuro Congressos e Eventos, 2005. 189/195 pp.
- JUNIOR, Antônio Vieira. **Uma pedagogia para jornal laboratório**. 2002, 315 p. Tese em Doutorado da escola de comunicação e Artes, Departamento de Jornalismo e Educação. Universidade de São Paulo: São Paulo, Jan 2002.
- LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público**. São Paulo. Sumus, 1989, 192 p.
- MELO, J.M. **Comunicação e Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981
- MELO, J.M. **Teoria do jornalismo**. 1ª ed., São Paulo: Paulus, 2006



MORAES, Carlos Vinicius Oliveira de. **De um mundo da escola para uma escola do mundo: Reflexão sobre meios e fins**. Disponível em: <
<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/index/about> >. Acesso em: 25 Mar. 2009 às 17:15.

NÓBREGA, Maria José. **Aprenda passo-a-passo como fazer um jornal laboratório com os seus alunos**. Revista Carta na Escola, ed.20, p. 17, 2008.

OLMSTED, M. S. **O Pequeno Grupo Social**. São Paulo, EDUSP, 1978.

PERUZZO, C.M.K. **Comunicação Comunitária e Educação para a cidadania**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol. III número 1. Setembro de 2001. p. 112.128

PERUZZO, C.M.K. **Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para a Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Brasília- DF, INTERCOM/UnB, de 6 a 9 de setembro de 2006a

PERUZZO, C.M.K. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil. In: PINHO, J. B., PERUZZO, C.M.K. (editores). **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2006**. São Paulo: Intercom, 2006b.p. 142- 162.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, fórum Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, Ilhéus, Editus, 2001.

ROCHA, S. Entrevista Educativa. **Caros Amigos**, São Paulo, ano 12 número 137, ago. 2008. Entrevista concedida a Camila Martins, Felipe Larsen, Flora Bonatto et al.

SETTON, Maria das Graças Jacintho. **Família, escola e mídia: um campo com novas configurações**. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100008&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 24 Mar. 2009 às 20:00.